



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



## Bandarra

### *Trovas*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Trovas*

# Bandarra

---

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1603?

Livro Digital nº 554 - 2ª Edição - São Paulo, 2018.

**Poesia** - Literatura Portuguesa.

**Gonçalo Annes Bandarra**  
**(1500-?-1556)**

---



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

## ÍNDICE

---

<b>ALGO MAIS: O Sapateiro Bandarra.....</b>	<b>1</b>
Prólogo.....	7
Aos verdadeiros portugueses devotos do Encoberto.....	12
A quem ler.....	15
Dedicatória do autor.....	17
Sente Bandarra as maldades do mundo, e particularmente às de Portugal.....	19
Sonho Primeiro.....	22
Prognostica o autor os males de Portugal, canta suas glórias com a aclamação do rei encoberto.....	32
Introduz o autor poeticamente dois judeus, que vem buscar o Pastor-Mor um chamado Frain, e outro dão, e acham Fernando Ovelheiro à porta.....	36
Sonho Segundo.....	40
Resposta do Bandarra a algumas perguntas, que lhe fizeram, e da resposta delas se conhecem quais foram.....	48
Segunda Parte: Trovas nunca impressas.....	54

## O SAPATEIRO BANDARRA

O profeta Bandarra (Gonçaleanes Bandarra) nasceu nos princípios do século XVI, em Portugal, na vila de Trancoso, e morreu, segundo toda a probabilidade, por volta de 1560. Em que ano exato nasceu? Ignoro. Sei apenas que ainda vivia em 1556 e que era — ao que afirmam as memórias dos que o conheceram — sapateiro de seu ofício.

Eu possuo, senão todas as suas profecias, ao menos uma boa parte delas. Oliveira Martins frisa na sua *História* a repercussão que tiveram em Portugal, sobretudo durante o período da dominação espanhola (de 1580 a 1640) os vaticínios do sapateiro de Trancoso. Dizia ele, textualmente, que a restauração da independência do reino havia de ter lugar no fim do de 1640, graças a um príncipe chamado João.

*“Antes que cerrem quarenta,  
erguer-se-á a grão tormenta.”*

A era está bem indicada. E quase que menciona o dia exato, perto do fim do ano (“antes que cerrem quarenta”):

*“Saia, saia esse infante  
bem andante:  
O seu nome é D. João.  
Tire e leve o pendão  
e o guiam  
poderoso e triunfante.”*

Ora, a independência portuguesa foi restaurada graças à revolução de 1º de dezembro do 1640, dirigida pelo duque de Bragança, que depois se tornou rei e se chamou D. João IV.

A Inquisição perseguiu mais ou menos todos os que se animaram a crer nas profecias do Bandarra. Muitos grandes espíritos, porém, acreditaram nelas. Citarei, entre outros, o padre Antônio Vieira, positivamente o maior escritor da língua portuguesa e um dos maiores oradores que o mundo produziu. Imagino que ninguém se atreverá a negar inteligência e cultura a esse jesuíta, o mais assombroso dos nossos clássicos, o de mais perfeita e mais proveitosa lição. Pois Vieira não só acreditou no Bandarra como escreveu a respeito um livro, ainda inédito (penso ou) mas de que existe cópia no Museu Britânico de Londres ou na Biblioteca Nacional de Paris: o *Clavis Prophetarum*. Perseguido e preso de 1665 a 1667 pelos dominicanos da Inquisição, Vieira foi queimado em estátua no pátio da Universidade de Coimbra quando, mais tarde, os esbirros do Santo Ofício o não puderam pegar vivo. A *História do Futuro*, do grande jesuíta, é em parte uma tentativa de interpretação das profecias de Bandarra.

Algumas dessas profecias realizaram-se tão completamente, porém, que não precisavam de ser interpretadas. Vejam esta, por exemplo, sobre a invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão:

*"Ergue-se a águia imperial  
com os seu. filhos ao rabo  
e com as unhas no cabo  
faz o ninho em Portugal.*

*Põe um A pernas acima  
tira-lhe a risca do meio  
e por detrás lha arrima:  
saberás quem te nomeio."*

Oliveira Martins, na sua *História*, alude a estes versos. De fato, veio a "águia imperial" e fez "o ninho em Portugal", nos anos de 1808, 1809

e 1810, Quem era ela? O Bandarra menciona, claramente, a letra inicial do seu nome. Pondo um A de pernas para o ar e tirando-lhe a risca do meio, teremos um V colocando, depois, essa risca por trás do V, como a escorá-lo (ou arrimá-lo) encontraremos um N. Um dos emblemas de Napoleão era um N envolto numa coroa de louros.

Tudo isto que eu disse até agora, não constitui novidade. Muita gente antes de mim aludiu ao Bandarra e transcreveu, no todo ou em parte, os versos que citei acima. Novidade é o que lhes vou contar daqui para diante.

Há cerca de cinco ou seis anos, o José de Matos, decano dos livreiros desta cidade, ofereceu-me, na Livraria Quaresma, um folheto de cinquenta e duas páginas, intitulado *Trovas inéditas de Bandarra, natural da Vila de Francoza*" (Londres, 1815). De fato, o assunto me despertava grande curiosidade. Passei os olhos pelo folheto, cuja ortografia, devido a ter sido impresso na Inglaterra, claudicava muito. Passei os olhos e pu-lo de lado. Hoje, todavia, lendo-o de novo, vejo que o Bandarra profetizou distintamente esta guerra, a próxima invasão do continente pelas tropas aliadas e a derrota final de Hitler.

Segundo ele, a grande sangueira — a catástrofe de verdade — deveria principiar depois de janeiro de 41, quando a Alemanha invadiu a Rússia. Portugal e a Espanha serão teatro de lutas tremendas. Os alemães atacam a península, não poupando ninguém!

*"Não haverá em Espanha  
lugar privilegiado.  
Tudo será assolado  
dessa gente de Alemanha."*

O comandante das tropas agressoras é um Leão. Acabará, depois de uma grande guerra, vencido por outro mais forte. Esse outro,

*"Entrará com companheiro*

*na terra dos Lusitanos.  
Cada qual bom cavaleiro,  
destruirão os Arianos."*

É verdadeiramente fantástico que o Bandarra falasse em arianos na era de 1550 ou por aí perto. Mas falou. Deixarei na Livraria Quaresma o folheto de 1815, a fim de que vossemecês verifiquem por si a autenticidade destas profecias tão sensacionais que vou transcrevendo.

Qual o companheiro do Leão vingador? Provavelmente "Tio Sam". Segundo o Bandarra, os aliados entrarão no continente por dois pontos: península hispânica e Noruega. Virão por mar, em navios enormes, que o profeta compara a grandes baleias.

*"Vejo vir grandes baleias  
pela costa de Biscaia  
Gala, gaia da vizinha praia  
que lhe tingem as areias.*

*Eis lá contra a Noruega  
raios, cavalos, golfinhos,  
com que pressa que navega  
tanta cópia de marinhos!*

Os bombardeios aéreos serão pavorosos. Qualquer coisa como nunca se viu e de que nem sequer se faz ideia. O profeta compara esses bombardeios a trovões e relâmpagos:

*Vejo milhões de relâmpagos  
trovões que rompem os céus  
nuvens de mui grandes véus  
coriscos, grandes espantos."*

Os aeroplanos trarão nuvens de véus, isto é, de paraquedas. A comparação de um véu a um paraquedas é diáfana. Antes da invasão libertadora do grosso do exército aliado, os "comandos" irão

na frente, prevenindo o povo, dizendo-lhe que fuja. A luta será de arrasar! Mas o Leão há de sair coroadado!

Os alemães atacarão primeiro, chegando por terra e mar. Bandarra vê em sonhos esquadra inimiga.

*"Parece que seu caminho  
é direito a Portugal."*

Fingir-se-ão muito amigos, muito gentis, cortesaneiros — como "gente do Paço". Turistas... Acautelem-se, — previne o Bandarra! Esses simuladores são soldados! Soldados carregados de armas!

*"Que rostos, corpos e armas,  
quanto fogo e quanto aço!  
No rosto, gente do Paço  
e soldados nas bisarmas."*

Haverá quintas-colunas, contra os quais toda a precaução será pouca. Os alemães dirão que veem para proteger, — que se encontram em Portugal e na Espanha com os melhores intuitos possíveis. Ninguém se fie neles!

*"É gente que em si encerra  
e aquilo que não diz faz;  
diz guerra, e ordena paz;  
pregoa paz, e faz guerra."*

Gente que em si encerra quer dizer: gente que aguarda consigo os seus intentos, sem os dar a conhecer a outrem. Hitler (a quem o Bandarra chama "seo rey" para se fazer entender, pois no tempo dele todos os chefes de Estado eram reis) pretende avassalar e escravizar o mundo:

*"O seu rei quer ser Monarca  
e toda terra pretende,  
tudo abrange e tudo abarca"*

*e de direito não prende.”*

Não se incomoda com os direitos dos outros. Mas será castigado. Então tremerá (todos sabem que Hitler é sujeito a ataques) e chorará, mas em vão,:

*“...na postreira hora  
quando o mal já estiver feito  
e não possa ser desfeito,  
treme, clama e em vão chora.”*

A revelação destas profecias parece-me curiosa. De qualquer maneira elas ainda estão para se realizar. Segundo os últimos telegramas da Europa, os aliados invadiram o continente este ano, Por onde? Afirma categoricamente o Bandarra a invasão libertadora se dará por dois pontos: Espanha e Noruega. Esperemos um mês — talvez menos — e digamos depois se o padre Antônio Vieira tinha ou não tinha razão em acreditar no dom profético do sapateiro de Trancoso, cuja fama os portugueses igualam à de Nostradamus.

*Revista “Carioca”, 9 de janeiro de 1943.*

## PRÓLOGO

Na presente Edição houve unicamente a tenção de satisfazer aos desejos e cuidadoso empenho dos que buscam haver estas Profecias, e conservar delas a todo custo um exemplar incorrupto. Isto procuramos com a maior diligência, referindo nos escrupulosamente e com toda a pontualidade à que se publicou em Nantes em o ano de 1644, por Guilelino do Monier, impressor del-Rei; e não se encontrará mudança, nem a menor alteração em acrescentamento, ou falta, porque; tudo vai como nela está, por exceção de alguns poucos e leves descuidos da impressão, que pareceu acertado emendar. E enquanto às inéditas, que ajuntamos no fim, por nos serem requeridas de alguns sujeitos, seguimos as melhores e mais apuradas copias, de quantas buscamos com curiosidade e pudemos descobrir, preferindo sempre as mais antigas, e que conservadas pela tradição continuada reputamos por mais fidedignas, além de nos serem comunicadas por pessoas graves e de autoridade, que as guardam em vários livros de curiosidades antigas. Todas as que aqui vão temos por verdadeiras e tão suas, e merecedoras de estimação como as impressas; pois no tom e maneira de enunciar as coisas, que revela, assim como na locução e estilo em nada se diferenciam delas.

Pelo que toca ao seu Autor, bem conhecido é o seu nome, assim como a bem merecida reputação e crédito que tem entre todos por estas suas mesmas Profecias tão decantadas como cheias de mistério e verdadeiras; que ninguém há que dele e delas faça menção, sem que seja fazendo lhes conciliar o grande respeito e veneração, que se lhes deve. De sua vida nenhuma coisa aqui há que dizer, podendo se dizer muitas, porque ninguém de quantos leem estes escritos a ignora; a anda em muitos livros, que todos podem haver mui facilmente. Foi ele o Nostradamus dos Portugueses, como antigas memórias nos certificam, no tempo del-Rei D. João o III de Portugal, e porventura ainda mais célebre por seus ditos, maravilhosos vaticínios e prognósticos, do que foi aquele, e pelos mesmos anos na França; porque se com particular distinção obteve este os cumprimentos de Henrique II e da Rainha Catarina de Médicis, sua

mulher e de seus filhos; as honras e estimações do Duque de Saboia Manoel Feliberto e da Duquesa Margarida de França; e os presentes de Carlos IX, mereceu o nosso os aplausos de uma Nação inteira assim de grandes como pequenos, de ilustres, plebeus, sábios e indiscretos, e continuados por tamanho espaço, quanto vai desde quando viveu até nossos tempos, e sempre o será, enquanto o Mundo durar, que tanto há de viver na memória dos homens.

Assim o sentiu aquele raro engenho e o mais acreditado Pregador o Padre Antônio Vieira, consagrando lhe particular afeto, e chegando a afirmar, que era mui grande e mui alumiado Profeta. Antônio de Souza de Macedo faz dele particular memória por estas palavras na *Lusitania Liberata*, à pág. 735. — “*Regnante in Lusitania Joane - 3º ano Domini 1550. In: nobili opido Trancoso decessit ceber Gondicalus Anes Bandarra, qui decantatos à multis anis reliquit versus de Lusitanis eventibus, quorum, ultra nostros, meminit D. Joanes de Horosco, Castelanus in tract, de Vera, et Falsa Prophet, cap. 24.*” O lugar apontado de D. João de Horosco não é do cap. 24, como ali está, mas do cap. 14, do Liv. I, onde a pág. 38, diz assim: “*Y desta manera tuve yo noticia de un çapatero en Portugal, que fue tenido por Profeta.*” E na glosa marginal acrescenta: — “*Este çapatero de Portugal fue en Trancoso dicho Bandarra, y avra este año de 88, quarenta y seis que morio.*” — Mas é de advertir, que nem um, nem outra acertou no ano da morte de Bandarra, que, conforme escreveu Barbosa Machado na sua *Biblioth Lusitana*, foi depois de 1556. São também dignos de ver se nos elogios, que lhe tributam D. Nicolau Monteiro, Vox Turtur, o Padre Vasconcelos no seu admirável *Livro da Restauração de Portugal* e outros, que aponta o mesmo Barboza.

Resta antes de concluirmos em agradecimento fazer neste lugar honrada memória de dois consumados varões, que muito contribuíram para glória do nosso Autor. Seja o primeiro Vasco Luiz da Gama, Conde da Vidigueira e Marquês de Niza, a quem se deve aquela Edição de Nantes, e nela se diz somente ser por um grande Senhor de Portugal; e verdadeiramente foi notado de mui nobres e excelentes qualidades, por onde se faz credor de grandíssimos elogios. Ocupou mui altos empregos, como o de Almirante do mar

da Índia, Deputado da Junta dos três Estados e do Despacho das Juntas na Regência da Rainha D. Luísa e de seus filhos os Reis D. Afonso VI e D. Pedro II, sendo Regente, Vedor da Fazenda dos ditos Reis e Estribeiro-Mor da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia. Foi Comendador na Ordem de Cristo e do Conselho de Estado e Guerra, e duas vezes Embaixador a França por El-Rei D. João IV, a primeira em 1642, e a segunda em 1646, em que mostrou discrição, prudência e zelo do bem do Reino, e ultimamente a Roma em obediência aos Papas Urbano VIII e Inocêncio X. Na Paz, que se celebrou deste Reino com Castela em 1668, teve muita parte, sendo um dos Plenipotenciários para ela eleito, em que se houve com muita circunspeção.

O outro é D. Álvaro de Abranches da Câmera, que antes lhe havia mandado levantar novo sepulcro com seu Epitáfio na Igreja de São Pedro da Vila de Trancoso, trasladando seus ossos de outra baixa e humilde, em que jazia, e fazendo lhe insculpir por divisa na pedra os instrumentos do ofício de sapateiro, que ele havia exercitado. Esta grande honra havia o mesmo Bandarra profetizado nas Quadras 8 e 9 do terceiro Corpo das Trovas, Sonho I, por estas misteriosas palavras:

8.

*Vejo, mas não sei se vejo,  
O certo é, que me cheira,  
Que me vem honrar à Beira  
Um grande do pé do Tejo.*

9.

*Formas, cabos, e sovelas  
Lavradinhas com primor  
Mandareis abrir, Senhor,  
Muitos folgaram de vê-las.*

Ali tão somente lhe chama e assim o dá a conhecer: "*Um grande do pé do Tejo*". E sem dúvida foi ele um dos mais ilustres e acreditados Fidalgos da Corte no seu tempo. Era filho de D. Francisco da

Câmera Coutinho, Comendador de São João da Castanheira na Ordem de Cristo e D. Guimar de Abranches, e neto pela parte paterna de Rui Gonçalves da Câmara, Capitão Donatário da Ilha de São Miguel, primeiro Conde de Vila Franca e de D. Joana de Blaisvelt, da Casa dos Condes de Redondo e pela mãe de D. João de Abranches de Almada e de sua segunda mulher D. Antônia de Souza. A tamanha nobreza uniu muitos merecimentos, adquiridos por seus serviços. Deve se a seu singular espírito e valor a liberdade da Pátria na gloriosa Aclamação del-Rei D. João IV, sendo um daqueles ilustres Fidalgos, que para ela sobre maneira concorreu, arvorando a Bandeira da Cidade, recobrando o Castelo de Lisboa e soltando alguns que ali se achavam presos, com outras muitas ações de lealdade e heroico desinteresse, que serão de exemplo à posteridade. Foi Comendador de São João da Castanheira, Senhor dos Morgados de Abranches e Almadãs, Conselheiro de Estado, Mestre de Campo General da Estremadura e por duas vezes Governador das Armas da Província da Beira. E porque digamos tudo para seu completo elogio, foi casado com D. Maria de Lencastre, da Casa dos Barões, hoje Marqueses de Alvito, e dela houve a D. Madalena de Lencastre e Abranches, Primeira Condessa de Valadares, mulher do Conde D. Miguel Luiz de Menezes e D. Guimar de Lencastre, que foi mãe de Tristão da Cunha de Ataíde, primeiro Conde de Povolide, e de Nuno da Cunha de Ataíde, Inquisidor Geral destes Reinos e Cardial da Santa Igreja de Roma do título de Santa Anastácia, por quem se transmitiu o Segundo Corpo das Trovas inéditas, que agora damos. Dele se lembra o Padre Nicolau da Maia na Relação daquela Aclamação que publicou em 1641.

A honra de mandar levantar a Bandarra o sepulcro, que acima dizemos, e por que se lhe deve esta sua memória, refere o mesmo Antônio de Souza de Macedo na sobredita *Lusitânia Liberat*, e lugar apontado a pag. 736, e damos as suas mesmas palavras: “*Anno 1641. D. Alvarus de Abranches, provinciae Beirae Generalis, hujus viri humile sepulchrum in portico Ecclesiae S. Petri dicti oppidi Trancoso, elevavit honorifice nobili epitaphio; et Rex postea, capella boni reditu ejus donavit nepotem; ac merito, nam si Nabuchodonosor, et Cyrus remunerarunt*

*Hieremiam, et Isaiam quod pro eis prophetaverint; et magnus Alexander, in gratiam Danielis prophetisantes victorias ejus, adoravit Jaddum summum Pontificem Hierosolimae; à fortiori Christianissimus Princeps Alexandro maior generosam gratificationem debebat ostendere."*

## AOS VERDADEIROS PORTUGUESES DEVOTOS DO ENCOBERTO

Dívida é forçosa, Senhores, oferecer-vos o amor da Pátria esta insigne e misteriosa obra: porque se seu Autor fora vivo neste venturoso tempo assim o fizera em satisfação de tão dilatadas esperanças, que por mais de sessenta anos alentaram o ânimo daqueles, que com tanta razão e justiça desejavam, que a Real Coroa de Portugal tornasse a ilustrar a cabeça de Príncipe natural e verdadeiro. Tudo merece uma firme e longa esperança pois não há coisa que mais custe e atormente. Assim o afirma Estácio no Livro I:

...*"Spes anxia mentem  
Extrahit, et longo consumit gaudia voto."*

Também se vos oferece nestas Trovas do Bandarra uma verdade cumprida para recompensa de vossos desejos contínuos, merecedores sempre de desempenhos grandes, quais são as certas posses de esperanças contínuas. Para sua maior estimação é precisamente necessário o conhecimento e notícia do sazonado fruto que se possui, procedido da flor do que se esperou: porque não há amar sem conhecer diz o Príncipe da Filosofia: *Nihil volitum, quin praecognitum*. O Libertador do nosso cativo, cativo, o remédio de nossos males, o descanso, de nossos trabalhos é o Rei Encoberto, de quem trata Bandarra, e a quem tomou por assunto e por objeto de seus versos, como neles se vê, e particularmente na Estância LXXII, dizendo:

*Este Rei tão excelente,  
De quem tomei minha teima.*

Vale o mesmo que dizer: Deste Rei trato somente, dele escrevo, posto que as figuras e ações, sejam muitas e diferentes. O teimoso sempre porfia e teima: assim Bandarra sempre fala neste Rei, ao qual chama o Encoberto, como consta do Verso LXXV, falando do Porco, que fará fugir para o deserto:

*Demonstra que vai ferido*

*Desse bom Rei Encoberto.*

A este Rei Encoberto atribui seis propriedades e sinais, quais são os seguintes: O Primeiro, O Rei novo é alevantado. O Verso LXXXVII diz que é Rei novo. O Segundo, que será Rei eleito, e não só por sucessão. Verso C, O Rei novo é escolhido e elegido. O Terceiro, que é Infante, como se lê no Verso LXXXVIII. Saia, saia esse Infante, bem andante. O Quarto, que se chamará D. João, Verso LXXXVIII: O seu nome é D, João, nome, de que tanto gostou o Autor, que seis vezes fala nele, como se vê nos Versos XXV, XXXVIII, XLIV, LV, LXXXVIII, XCIII. O Quinto, que terá um irmão bom Capitão, Verso CII: Este Rei tem um irmão bom Capitão. Diz ultimamente, que este Rei será aclamado e alevantado, quando se cerrarem os quarenta anos, como consta do Verso LXXXVII:

*Já se cerram os quarenta  
Que se ementa  
Por um Doutor já passado:  
O Rei novo é alevantado.*

Todos estes sinais evidentemente convém só a El-Rei D. João IV, nosso Senhor, o qual é Rei novo, porque antes não reinava, posto que era Rei de juro. Rei elegido foi pela comum inspiração e geral aclamação de todo o Reino; Infante era também, porque os Príncipes de Bragança são Infantes, como também por bisneto do Infante D. Duarte, filho nono do Senhor Rei D. Manoel. Chama se além disto D. João. Tem um irmão valoroso Capitão qual é o Senhor Infante D. Duarte, que Deus livre. A eleição, ou comum inspiração e aclamação (que tudo é o mesmo conforme a Direito) foi quando cerravam quarenta anos, pois foi Sábado (e havia de ser Sábado) dia sétimo, em que Deus descansou da criação do Universo, como em mistério, e em sinal, que nossas aflições o cansaram, e que descansava com o Rei, que naquele dia nos deu para nosso descanso liberdade; pois o dia em que primeiro descansou foi, como se sabe Sábado. Assim nos restituiu o nosso legítimo Rei: Sábado primeiro dia de dezembro, mês em que cerrou o ano de 1640.

Conclui se logo com toda a certeza e moral evidência, que El-Rei D. João o IV, nosso Senhor é o esperado e tão desejado Rei Encoberto, de quem Santo Isidoro falou na era de 636, escrevendo muitas coisas futuras de Espanha, e Bandarra tantas vezes repetiu: *Estas Profecias de Santo Isidoro, Arcebispo de Sevilha, de que aqui fala, em que vaticinou sucessos de Castela, podem ler se na Ressurreição de Portugal por Fernão Homem, que também foi impressa em Nantes pelo mesmo impressor Guilelmo do Monier; e aí se diz foram tiradas de um Livro, que se havia impresso em Valença no ano de 1520, e que andavam nas lições de sua vida no Breviário Dominicano e em outros. O ano de 636, que também aqui se a ponta, foi o mesmo da morte deste Santo Prelado, mui esclarecido pelo zelo da Fé e inteireza da disciplina Eclesiástica.*

Não há mais esperar outro Encoberto; porque é coisa vã e aérea; e o mesmo Rei de Castela chamou a El-Rei, nosso Senhor Encoberto duas vezes, quando antes de ser Rei o mandou governar às armas de Portugal à Vila de Almada, em a Carta dizia fosse Encoberto; e pois os sinais, que dele se apontam de nenhuma maneira convém a El-Rei D. Sebastião, nem é Rei novo mas velho; não foi Rei de eleição senão de sucessão, e que nasceu Rei, porque não se chamava João, nem teve outro irmão bom Capitão. Conheçam logo todos esta clara verdade; e farão toda a devida estimação das Trovas do celebrado Bandarra, que neste particular já vemos desempenhadas e cumpridas.

## A QUEM LER

Foi Gonçaleanes Bandarra um oficial de sapateiro de calçado de correia, homem de boa vida, o qual viveu na antiga Vila de Trancoso do Bispado da Guarda. Passou sempre pobremente e sem mais cabedal, que a limitado de seu ofício, que naqueles lugares não costuma ser muito. Concorreu nos tempos do Rei D. João o III, de Portugal. As suas Trovas, que compôs no ano de 1540 pouco mais ou menos, foram sempre tão recebidas e celebradas, que não necessitam de maiores abonações que as do tempo que tanto as acredita. E se também as faz muito estimadas o oferecê-las seu autor ao Ilustríssimo Bispo da Guarda D. João de Portugal, que Deus tem, mais o devem ser hoje assim pelos efeitos mostrarem sua verdade como por mandar imprimir um Príncipe Português grande e excelente. Ação na verdade descobridora do fino amor de Rei e do zelo do bem do Reino (que vivem em seu nobre e fiel peito), cujas principiadas glórias faz estampar, para que sejam notórias e perpétuas. Estas canta o célebre Bandarra em seus grosseiros, mas misteriosos *Versos*, a quem o entendimento aplica mais autorizado título que o curto, que se permite à pena. Muito se pode sentir, mas nem tudo se pode dizer particularmente em matérias, que pedem aprovação do Supremo Tribunal.

Esta Dedicatória a D. João de Portugal, Bispo da Guarda é o documento mais certo da morte de Bandarra suceder depois do ano de 1556, porque só neste podia ser feita, que foi o primeiro em que aquele Prelado foi provido naquela Diocese e confirmado pelo Pontífice Paulo IV, e ainda no ano seguinte é que tomou posse. Foi mui exemplar por suas virtudes, como lhe chama Bandarra, não menos do que era mui distinto por sua nobreza como ramo florescente dos primeiros Condes de Vimioso. A heroica paciência, com que sofreu ser despojado da sua dignidade Episcopal, e recluso em um Mosteiro, depois da infausta jornada do nosso Augustíssimo REI o Senhor D. Sebastião nosso Senhor, fará em todo o tempo sempre ilustre o seu nome e mui acreditada a sua memória.

Grandes injúrias tem feito o dilatado tempo de mais de cem anos às *Trovas do Bandarra*: uma vez viciando-as com a corrupção; outra

acrescentando-as; outra diminuindo-as. Para ficar só o grão e deitar fora do tabuleiro o joio, e a ervilhaca foi necessário (e não com pouca indústria) buscar as mais antigas copias, das quais a de menor idade é de oitenta anos, nas mãos de pessoas inteligentes e fidedignas, com as quais se apurou esta, que sai à luz e ficará às escuras a imensa multidão de traslados destas Trovas, todos viciados e corruptos, pois não havia pessoa, que não tivesse um Bandarra a seu modo. Vão os *Versos* numerados e rubricados para maior clareza e distinção. Deve-se, porém, advertir um grande mistério, que está no Verso LXXXVIII, aonde diz: *O seu nome é D. João.* — Leiam muitos: *O seu nome é de D. João;* mas, os mais antigos usavam de uma letra I, que parecia ser a letra F. Quis Deus, por nosso bem, que no ler houvesse diferenças.

VALETE

**TROVAS DO BANDARRA**  
**NATURAL DA VILA DE TRANCOSO**



*Na mesma confusão e nos tumultos  
Deixa, que por teu Rei vitórias cantem,  
Que de quanto o Sol vê, Netuno abarca  
Será contigo Universal Monarca.*

*BOCARR. ANACEFAL. OUT. 126.*

**DEDICATÓRIA DO AUTOR**

A Dom João de Portugal Bispo da Guarda.

Ilustríssimo Senhor,  
De Virtudes mui perfeito,  
Vós deveis de ser eleito  
De todas as Leis dador.  
Deus vos deu tanto primor,  
Que não se acha em vossa marca  
Mais subido Patriarca,  
De nobre Gente Pastor.  
Determinei de escrever  
A minha sapataria:  
Por ver vossa senhoria  
O que sai de meu coser.  
Que me quero entremeter  
Nesta obra, que ofereço  
Porque saibam o que conheço,  
E quanto mais posso fazer.  
Sairá de meu coser  
Tanta obra de labores,  
Que folguem muitos Senhores  
De a calçar, e trazer.  
E quero entremeter

Laços em obra grosseira,  
Quem tiver boa maneira  
Folgará muito de a ver.  
Cozo com linho assedado,  
Encerado a cada ponto;  
Coso miúdo sem conto,  
Que assim o quer o calçado.  
Se vier algum avisado  
Requerer algumas solas,  
Eu as corto sem bitolas,  
E logo vai sobressolado.  
Também sou oficial:  
Às vezes coso com vira,  
E sei bem como se tira  
O ganho do cabedal.  
Se vier algum zombar  
Fazer me qualquer pergunta,  
Dir-lhe-ei, como se ajunta  
A agulha com o dedal.  
Minha obra é mui segura  
Porque a mais é de correia,  
Se a alguém parecer feia,  
Não entende de costura.  
Eu faço obra de dura,  
E não ando pela rama,  
Conheço bem a courama,  
Que convém à criatura.  
Sei medir, e sei talhar,  
Sem que vos assim pareça:  
Tudo tenho na cabeça,  
Se o eu quiser usar.  
E quem o quiser grosar,  
Olhe bem a minha obra,  
Achará, que inda me sobra  
Dois cabos para ajuntar.  
Sempre ando ocupado  
Por fazer minha obra boa,

Se eu vivera em Lisboa,  
Eu fora mais estimado.  
Contente sou, e pagado  
De lançar um só remendo,  
Inda que este remoendo,  
Não me toquem no calçado.



**SENTE BANDARRA AS MALDADES DO MUNDO, E  
PARTICULARMENTE ÀS DE PORTUGAL**

**I**

Como nas Alcaçarias  
Andam os couros às voltas,  
Assim vejo grandes revoltas  
Agora nas Clerezias.

**II**

Porque usam de Simonias  
E adoram os dinheiros,  
As Igrejas, pardieiros,  
Os corporais por mais vias.

**III**

O sumagre com a cal  
Faz os couros ser mociços,  
Ah! quantos há maus noviços  
Nessa Ordem Episcopal.

**IV**

Porque vai de mal a mal  
Sem ordem nem regimento,  
Quebrantam o mandamento,  
Cumprem o mais venial.

**V**

Também sou Oficial  
Sei um pouco de cortiça  
Não vejo fazer justiça  
A todo o Mundo em geral.

## VI

Que agora a cada qual  
Sem letras fazem Doutores,  
Vejo muitos julgadores,  
Que não sabem bem, nem mal.

## VII

Borzeguins para calçar  
Hão de ser de cordovães,  
Notários, Tabeliães  
Tem o tento em apanhar.

## VIII

Vê-los-eis a porfiar  
Sobre um pobre ceitel,  
E rapar vos por um mil  
Se vo-los podem rapar.

## IX

Também sei algo brunir  
Quaisquer laços de lavores:  
Bacharéis, Procuradores  
Aí vai o perseguir.

## X

E quando lhe vão pedir  
Conselho os demandões,  
Como lhe faltam tostões,  
Não os querem mais ouvir.

## XI

Há de ser bem assentada

A obra dos chapins largos,  
A linhagem dos Fidalgos  
Por dinheiro é trocada.

## XII

Vejo tanta misturada  
Sem haver chefe que mande;  
Como quereis, que a cura ande,  
Se a ferida está danada?

## XIII

Tenho uma gentil sovela,  
Com que coso mui direito:  
Se a mulher não desse jeito,  
Não olhariam para ela.

## XIV

Em que seja uma donzela  
Nobre, casta e oradora  
Ela é a causadora,  
Do que acontecer por ela.

## XV

Sei também mui bem coser  
Uns borzeguins Cordovezes;  
Todos os trajos Franceses  
Quem quer os quer já trazer.

## XVI

Os que não tem que comer  
Fazem trajos mui prezados,  
Ficam pobres, Lazarados  
Por outros enriquecer.



**SONHO PRIMEIRO**  
*(Que finge a modo Pastoril)*

**XVII**

Vejo, vejo; direi, vejo,  
Agora que estou sonhando,  
Semente del-Rei Fernando  
Fazer um grande despejo.

**XVIII**

E seguir com grão desejo,  
E deixar a sua vinha,  
E dizer esta casa é minha  
Agora que cá me vejo.

**XIX**

A cerca dos Grecianos  
Corrê-la hão os Latinos,  
Serão contrários os signos  
A todos os Arrianos.

**XX**

Também os Venezianos  
Com as riquezas que tem,  
Virá o Rei de Salém  
Julgá-los há por mundanos.

**XXI**

Já os lobos são ajuntados  
Da láctea na montanha,  
Os gados tem degolados,  
E muitos alobegados,  
Fazendo grande façanha.

**XXII**

O Pastor mor se assanha:

Já ajunta seus ovelheiros,  
E esperta sua campanha  
Com muita força, e manha  
Correrá os pegureiros.

### XXIII

Depois já de apercebidos,  
E as montanhas salteadas  
Por homens muito sabidos,  
E pastores mui escolhidos,  
Que sabem bem as pisadas.

### XXIV

Armar lhe hão nas passadas  
Trampas, cepos de azeiros,  
Atalaias nas estradas,  
E bestas nas ameijoadas  
Com tiros muito ligeiros.

*(FIGURAS DO SONHO)*

### XXV

Virá o grande Pastor,  
Que se erguerá primeiro,  
E Fernando tangedor,  
E Pedro bom bailador,  
E João bom ovelheiro.

### XXVI

E depois um Estrangeiro,  
E Rodoam que esquecia,  
E o nobre pastor Garcia,  
E André mui verdadeiro:  
Entraram com alegria.

PASTOR-MOR

### XXVII

Aquela vaca, que berra,  
Por que está assim berrando?

ANDRÉ

**XXVIII**

É porque desce da serra,  
Não conhece bem a terra,  
E por isso está bramando.

**XXIX**

Esta é a vaca, Fernando,  
Mai do grão touro fuscado,  
Que não se acha neste bando,  
Tem razão de estar berrando,  
Que não sabe onde é lançado.

PASTOR-MOR

**XXX**

Ajunte se o vacum  
Aqui neste verde prado,  
E também o ovelhum,  
E conte o seu cada um,  
Ver se há a quem falta gado.

PEDRO

**XXXI**

Todo já tendes contado,  
Do vacum achamos menos;  
Um touro esmadrigado,  
E um fusco, que era rosado;  
Do ovelhum nada sabemos.

PASTOR-MOR

**XXXII**

Oh! que dor do coração!  
Oh! que dor! Oh! que pesar!  
Oh! que grão tribulação!

Arredemos a paixão,  
Pois se não pode cobrar.

**XXXIII**

Seus filhos devemos criar,  
Os quais mui bem guardaremos,  
Ficaram em seu lugar,  
Tudo lhe havemos de dar  
Pelo bem, que lhe queremos.

**XXXIV**

Por honra de tal memória  
Não haja aqui mais tristura,  
Antes cantemos com glória,  
Que fique sempre em memória  
Aprovando a Escritura.

**XXXV**

Pois se cumpre a figura,  
E nós outros bem o vemos:  
Pois que já tudo se apura,  
Ao Senhor da altura  
Com prazer mil graças demos.

**XXXVI**

Tanja se a fruta maior,  
Ajunta se todo o rebanho,  
E eu como vosso Pastor,  
Com mui grão sobra de amor  
Vamos a partir o ganho.

**XXXVII**

Tudo nos é sufraganho  
Montes, vales, e pastores,  
E repunham os bailadores,  
Que não entre aqui estranho.

### XXXVIII

Fernando tanja a guitarra,  
Tu, João, o arrabil,  
Pousa teu surrão, e vara,  
Alegra bem tua cara  
Em tal bailo pastoril.

### XXXIX

E Pedro, que é mais sutil  
Entre, e baile com Florença,  
Já que é dama gentil,  
É mui bem que lhe pertença.

### XL

André baile com Pascoala,  
E venha após a primeira,  
Antes de meter mais fala  
Entre, e baile esta Zagala,  
Em que sempre é referteira.

### XLI

Sempre foi mui agoureira  
Com os estranhos dançar  
E pois está tão cantadeira,  
Não seja ela a derradeira,  
Venha logo a bailar.

### XLII

Há de ser mui de louvar  
Este auto, que aqui temos,  
E a todo o que bailar  
Hão lhe mui bem de pagar,  
E assim lho prometemos.

### XLIII

Sus! antes de mais extremos  
Baile Fernando, e Constança,

E pois que tudo já vemos,  
Pelo bem que lhe queremos  
Seja ele o mestre de dança.

#### XLIV

João, o bom Ovelheiro,  
Sempre foi nobre Pastor,  
Não se conte derradeiro,  
Pois é igual ao primeiro,  
Este baile com Leonor.

#### XLV

Sempre foi bom guardador  
Do gado, que lhe entregaram,  
Mui grande acometedor,  
E mui grande corredor  
Dos lobos, que o acoçaram.

#### XLVI

Por não ficar em olvido  
O nobre Pastor Garcia,  
Que sempre foi atrevido,  
E de nós muito querido,  
Este baile com Mécia.

#### XLVII

Pois é de alta valia,  
Demos lhe outro montado,  
O monte que reluzia,  
Aonde faça a bailia,  
E paste bem o seu gado.

#### RODOAM

#### XLVIII

Todos já tendes partido,  
Todos os montados dais,  
Eu que fui de vós querido,

E dos lobos mui ferido,  
De mim já vos não lembrais?

PASTOR-MOR

**XLIX**

Ainda fica mais, e mais,  
Vossos gados pastaram,  
Ficam terras de chão tais  
Os vales, e piornais,  
Tudo vos dou, Rodoam.

**L**

Também ficam umas ladeiras  
De ervas mui saboridas,  
Donde saem umas ribeiras,  
Que regam muitas lameiras  
Com águas esclarecidas.

**LI**

Aquelas serras erguidas,  
Onde está a nobre montanha,  
Pois por nós foram havidas,  
E até agora perdidas,  
Fiquem a toda a campanha.

**LII**

Aquele vale de além  
É o vale de primor,  
É o vale de Salém,  
Onde acho que muitos tem  
Grande virtude, e valor.

GARCIA

**LIII**

Mataram o grão Pastor,  
Por inveja o mataram:  
Porque era bom guardador,

Das ovelhas bom criador;  
Por cobiça o acabaram.

FERNANDO

LIV

Os bailos são acabados,  
Senhor, vamos a jantar,  
Que dos trabalhos passados  
Muitos há aqui desmaiados,  
Que convém de repousar.

LV

Se algo lhe quereis dar,  
Sobre mesa lho daremos,  
Onde bem pode mandar,  
E o seu gado bem pastar,  
Que assim por bem o temos.  
Cai no bailo de João.

PEDRO

LVI

Também lá naquela altura  
Está um lobo uivando,  
E no meio da espessura  
Um bufo está bufando,  
E um mocho está cantando,  
E André está sentindo  
Não bailar como Fernando.

JOÃO

LVII

Também Pedro, por quem procuro,  
É um barão singular,  
Que no claro, e no escuro  
Sempre bailou mui seguro,  
E há de ficar sem lhe dar?

PASTOR-MOR

**LVIII**

Pois vá o ele cercar,  
E far-lhe-ão grandes danos;  
E-lo-emos ajudar,  
Até poder sujeitar  
Os cavalos Marianos.

**LIX**

Ao redor da grão cabana  
Naqueles montes erguidos,  
No vale que se diz Cana,  
Ouvimos esta semana,  
Lobos que andam fugidos,  
Dando grandes alaridos,  
Fazendo grande agonia,  
Muitos mortos, e feridos,  
E outros andam perdidos.  
Caem no bailo de Garcia.

PASTOR-MOR

**LX**

Quem mete ao estrangeiro  
Cá no meu nobre assento,  
Pois o defendi primeiro,  
Pois que do meu vencimento  
Lhe pesa mui por inteiro?

ESTRANGEIRO

**LXI**

Em que vos hei ofendido,  
E de mim sois anojado?

PASTOR-MOR

**LXII**

É porque te hei requerido,  
Mil vezes cometido,

E tu sempre desmandado:  
E porque estás abraçado  
Com os meus competidores,  
E com eles aliado,  
Não mereces ter montado  
Com estes nobres Pastores.

**LXIII**

Tu me háis sido revel  
Contra os meus ovelheiros,  
Abraçado com Babel  
Mui descrido, e cruel,  
Contra os meus pegureiros.  
Minhas ovelhas, carneiros  
Não lhe tinhas lealdade,  
Degolavas meus cordeiros,  
Derrubavas meus chiqueiros,  
Negavas-me a verdade.

**ANDRÉ**

**LXIV**

E vos, Pastor, mui embora,  
Grande mercê nos fareis.  
Que vos vades logo essa hora,  
E depois que fordes fora,  
Alguma razão tereis.

**JOÃO**

**LXV**

Por aqui vos saíreis,  
Mentes o Pastor dá volta,  
Que depois não podereis,  
E quicais nos metereis  
Nalguma grande revolta.

**FERNANDO**

**LXVI**

Não te queiras mais deter,  
Busca jogos, e harmonias,  
Por onde tomes alegrias,  
Antes que hajam de volver.  
Oh! Senhor, tomai prazer,  
Que o grão Porco selvagem  
Se vem já de seu querer,  
Meter em vosso poder  
Com seus portos, se passagem.

### LXVII

Em os campos de Tropé  
Vossa fruta tangereis,  
E nos campos de Godofré,  
E nas terras de Tomé  
Todos nelas bailareis,  
Com os filhos de Ulisse,  
Que gostam nosso tanger.  
Nenhum porco roncará,  
Nenhum lobo uivará  
Senão por vosso querer.



**PROGNOSTICA O AUTOR OS MALES DE PORTUGAL,  
CANTA SUAS GLÓRIAS COM A ACLAMAÇÃO DO REI  
ENCOBERTO**

### LXVIII

Forte nome é Portugal,  
Um nome tão excelente,  
É Rei do cabo poente,  
Sobre todos principal.  
Não se acha vosso igual  
Rei de tal merecimento:  
Não se acha, segundo sento,  
Do Poente ao Oriental.

### LXIX

Portugal é nome inteiro,  
Nome de macho, se queres:  
Os outros Reinos mulheres,  
Como ferro sem azeiro;  
E senão olha primeiro,  
Portugal tem a fronteira,  
Todos mudam a carreira  
Com medo do seu rafeiro.

### LXX

Portugal tem a bandeira  
Com cinco Quinas no meio,  
E segundo vejo, e creio,  
Este é a cabeceira,  
E porá sua cimeira,  
Que em Calvário lhe foi dada,  
E será Rei de manada  
Que vem de longa carreira.

### LXXI

Este Rei tem tal nobreza,  
Qual eu nunca vi em Rei:  
Este guarda bem a lei  
Da justiça, e da grandeza.  
Senhoreia Sua Alteza  
Todos os portos, e viagens,  
Porque é Rei das passagens  
Do mar, e sua riqueza.

### LXXII

Este Rei tão excelente,  
De quem tomei minha teima,  
Não é de casta Goleima,  
Mas de Reis primo, e parente.  
Vem de mui alta semente

De todos quatro costados,  
Todos Reis de primos grados  
De Levante até ao Poente

### LXXIII

Serão os Reis concorrentes,  
Quatro serão, e não mais;  
Todos quatro principais  
Do Levante ao Poente.  
Os outros Reis mui contentes  
De o verem Imperador,  
E havido por Senhor  
Não por dádivas, nem presentes.

### LXXIV

Comendadores, Prelados,  
Que as Igrejas comeis,  
Traçareis, e volvereis  
Por honra dos três Estados,  
E os mais serão taxados;  
Todos contribuirão  
E haverá grão confusão  
Em toda a sorte de estados.

### LXXV

Já o Leão é experto  
Mui alerta.  
Já acordou, anda caminho.  
Tirá cedo do ninho  
O porco, e é mui certo.  
Fugirá para o deserto,  
Do Leão, e seu bramido,  
Demonstra que vai ferido  
Desse bom Rei Encoberto.

### LXXVI

Uma porta se abrirá

Num dos Reinos africanos,  
Contraria aos Arrianos,  
Que nunca se cerrará.  
A vaca receberá  
A nova gente que vem,  
Com prazer de tanto bem  
Seu leite derramará.

### LXXVII

A lua dará grão baixa,  
Segundo o que se vê nela,  
E os que tem Lei com ela:  
Porque se acaba a taxa.  
Abrir se há aquela caixa,  
Que até agora foi cerrada,  
Entregar se há à forçada  
Envolta na sua faixa.

### LXXVIII

Um grão Leão se erguerá,  
E dará grandes bramidos;  
Seus brados serão ouvidos,  
E a todos assombrara;  
Correrá, e morderá  
E fará mui grandes danos,  
E nos Reinos africanos  
A todos sujeitará.

### LXXIX

Passará, e dará bocado  
Na terra da Promissão,  
Prenderá o velho Cão,  
Que anda mui desmandado.

### LXXX

De perdões, e orações  
Irá fortemente armado,

Dará neles São Tiago,  
Na volta que faz depois.

**LXXXI**

Entrara com dois pendões  
Entre os porcos sedeudos,  
Com fortes braços, e escudos  
De seus nobres Infanções.



**INTRODUZ O AUTOR POETICAMENTE DOIS JUDEUS, QUE  
VEM BUSCAR O PASTOR-MOR UM CHAMADO FRAIM, E  
OUTRO DÃO, E ACHAM FERNANDO OVELHEIRO À PORTA**

FRAIM

**LXXXII**

Dizei, Senhor, poderemos  
Com o grão Pastor falar?  
E daqui lhe prometemos  
Ricas joias que trazemos  
Se no-las quiser tomar.

FERNANDO

Judeus que lhe haveis de dar?

JUDEUS

**LXXXIII**

Dar-lhe-emos grande tesouro  
Muita prata, muito ouro,  
Que trazemos de além mar.  
Far-nos-eis grande mercê  
De nos dardes vista dele.

FERNANDO

**LXXXIV**

Entrai, Judeus, se quereis,

Bem podeis falar com ele,  
Que lá dentro o achareis.

#### LXXXV

Tomará com seu poder,  
E grão saber,  
Todos os portos de além,  
Marrocos, e Tremecem,  
E Fez também:  
Fará tudo a seu querer,  
Vi-lo-ão a cometer  
Pelo deter,  
Que querem ser tributários,  
E lhe querem dar dinheiros,  
Lisonjeiros,  
Os quais não deve querer.

#### LXXXVI

E depois da Embaixada  
Declarada,  
Antes que cerrem quarenta,  
Erguer se há a grão tormenta,  
Do que intenta,  
E logo será amansada,  
E tomarão a estrada  
De calada,  
Não terão quem os afoite,  
Dar lhe hão aquela noite  
Tal açoite,  
Que a Fe seja exalçada.

#### LXXXVII

Já o tempo desejado  
É chegado,  
Segundo o firmal assenta:  
Já se cerram os quarenta,  
Que se ementa,

Por um Doutor já passado.  
O Rei novo é alevantado,  
    Já dá brado;  
Já assoma a sua bandeira  
Contra a Grifa parideira,  
    La gomeira,  
Que tais prados tem gostado.

### LXXXVIII

Saia, saia esse Infante  
    Bem andante,  
O seu nome é D. João,  
    Tire, e leve o pendão,  
    E o guiam  
    Poderoso, e triunfante.  
Vir lhe hão novas num instante  
    Daquelas terras prezadas,  
    As quais estão declaradas,  
    E afirmadas  
    Pelo Rei dali em diante.

### LXXXIX

Não acho ser deteudo  
    O agudo,  
Sendo ele o instrumento,  
Não acho, segundo sento  
    O Excelente  
Ser falso no seu Escudo.  
Mas acho, que o Lanudo  
    Mui sisudo,  
    Que arrepelará o gato,  
    E far-lhe-á murar o rato,  
    De seu fato  
Deixando o todo desnudo.

### XC

Não tema o Turco, não

Nesta sezão,  
Nem o seu grande Mourismo,  
Que não recebeu batismo,  
Nem o crismo,  
É gado de confusão.  
Firmal põe declaração  
Nesta tenção,  
Chama lhe animais sedentos  
Que não tem os mandamentos,  
Nem Sacramentos;  
Bestiais são, sem razão.

### XCI

Em que venham mais, e mais  
Dos bestiais,  
Pelo que mostra a figura,  
Haverão a sepultura  
Da amargura,  
Como brutos animais.  
Que se o texto bem olhais,  
E declarais  
Com fundas serão feridos,  
Todos mortos, confundidos  
Nos abismos infernais.

### XCII

As chagas do Redentor,  
E Salvador  
São as armas de nosso Rei:  
Porque guarda bem a Lei,  
E assim a grei  
Do mui alto Criador.  
Nenhum Rei, e Imperador,  
Nem grão Senhor  
Nunca teve tal sinal,  
Como este por leal,  
E das gentes guardador.

### XCIII

As armas, e o pendão,  
E o guiam  
Foram dadas por vitória  
Daquele alto Rei da glória  
Por memória  
A um Santo Rei barão.  
Sucedeu a El-Rei João,  
Em possessão  
O Calvário por bandeira,  
Levá-lo há por cimeira,  
Alimpará a carreira  
De toda a terra do Cão.

---

### SONHO SEGUNDO

### XCIV

Oh! quem tivera poder  
Para dizer,  
Os sonhos que o homem sonha!  
Mas hei medo, que me ponha  
Grão vergonha  
De mos não quererem crer.  
Vi um grão Leão correr  
Sem se deter  
Levar sua viagem,  
Tomar o porco selvagem  
Na passagem,  
Sem nada lho defender.

### XCV

Tirá toda a escorta  
Será paz em todo o Mundo,  
De quatro Reis o segundo

Haverá toda a vitória.

### **XCVI**

Será dele tal memória  
Por ser guardador da Lei,  
Pô-las Armas deste Rei  
Lhe darão triunfo, e glória.

### **XCVII**

Trinta e dois anos e meio  
Haverá sinais na terra;  
A Escritura não erra;  
Que aqui faz o conto cheio.

### **XCVIII**

Um dos três que vão arreio  
Demonstra ser grão perigo;  
Haverá açoite, e castigo  
Em gente que não nomeio.

### **XCIX**

Já o tempo desejado  
É chegado  
Segundo o firmal assenta  
Já se passam os quarenta  
Que se ementa  
Por um Doutor já passado.  
O Rei novo é acordado  
Já dá brado:  
Já arressoa o seu pregão  
Já Levi lhe dá a mão  
Contra Siquém desmandado.  
E segundo tenho ouvido,  
E bem sabido,  
Agora se cumprirá:  
A desonra de Dina  
Se vingará

Como está prometido.

### C

O Rei novo é escolhido,  
E elegido,  
Já alevanta a bandeira  
Contra a Grifa parideira  
Que tais pastos tem comido;  
Porque haveis de notar,  
E assentar,  
Aprazendo ao Rei dos céus  
Trará por ambas as Leis,  
E nestes seis  
Vereis coisas de espantar.

### CI

O néscio quer afirmar,  
E declarar  
Desde seis até setenta  
Que se ementa,  
Do Rei que irá livrar.  
Louvemos este Barão  
Do coração,  
Porque é Rei de Direito;  
Deus o fez todo perfeito  
Dotado de perfeição.

### CII

Este Rei tem um Irmão,  
Bom Capitão.  
Não se sabe a irmandade?  
Todo é nobre, em bondade;  
E na verdade  
Que sairá, com o pendão.

### CIII

Muitos estão desejando,

E altercando,  
Se o meu dito será certo,  
Se de longe, se de perto?  
E sobre o tal praticando.  
Aquele grão Patriarca  
No-lo mostra, e está falando,  
E declara o grão Monarca:  
Ser das terras, e comarca,  
Semente del-Rei Fernando.

#### CIV

Este Rei de grão primor,  
Com furor,  
Passará o mar salgado  
Em um cavalo enfreado,  
E não selado,  
Com gente de grão valor.

#### CV

Este diz, socorrerá,  
E tirará,  
Aos que estão em tristura.  
Deste, conta a Escritura,  
Que o campo despejará,  
Os Fidalgos estimados,  
E desprezados,  
Que até agora são corridos,  
Com o tal serão erguidos,  
E mui queridos,  
E com os Reis estimados.

#### CVI

Se lerdas as Profecias  
De Jeremias,  
Irão dos cabos da terra  
Tomar os Vales, e Serra,  
Pondo guerra,

E tirar as heresias,  
Derrubar as Monarquias,  
E fantasias  
Serão bem apontoadas,  
Serão todas derrubadas,  
Desconsoladas  
Fora da possentadorias.

### CVII

Ainda mas profetizando,  
E declarando:  
Seus pequenos das manadas,  
Derrubar lhe hão as moradas  
Bem entradas,  
E assim o vai mostrando.  
Já o Leão vai bradando,  
E desejando  
Correr o porco selvagem,  
E tomá-lo há na passagem  
Assim o vai declarando.

### CVIII

Muitos podem responder,  
E dizer:  
Com que prova o sapateiro  
Fazer isto verdadeiro,  
Ou como isto pode ser?  
Logo quero responder  
Sem me deter.  
Se lerdes as Profecias  
De Daniel e Jeremias  
Por Esdras o podeis ver.



## SONHO TERCEIRO

### CIX

Oh! quem pudera dizer,  
Os sonhos que o homem sonha!  
Mas eu hei grão vergonha  
De mos não quererem crer.

### CX

Sonhava com grão prazer,  
Que os mortos ressuscitavam,  
E todos se alevantavam,  
E tornavam a renascer.

### CXI

E que via aos que estão  
Trás os rios escondidos;  
Sonhava, que eram saídos  
Fora daquela prisão.

### CXII

Vi ao Tribo de Dão  
Com os dentes arreganhados,  
E muitos despedaçados  
Da Serpente, e do Dragão.

### CXIII

E também vi a Rubem  
Com grão voz de muita gente,  
O qual vinha mui contente  
Cantando, Jerusalém.

### CXIV

Oh! quem vira já Belém  
E esse monte de Sião  
E visse o Rio Jordão

Para se lavar mui bem!

### CXV

Vi também a Simeão  
Que cercaua, todas as partes  
Com bandeiras, e estandartes  
Neftalim, e Zabulão.

### CXVI

Gade vinha por Capitão  
Desta gente que vos falo,  
Todos vinham a cavalo  
Sem haver um só pião.

### CXVII

Eu por mais me afirmar,  
E ver se estava acordado  
Vi um velho mui honrado,  
Que me vinha a perguntar.

### CXVIII

Dize me, tu és de Agar,  
Ou como falas Cananeu?  
Ou és porventura Hebreu  
Dos que nos vimos buscar?

### CXIX

Tudo o que me perguntais  
(Respondi assim dormente)  
Senhor, não sou dessa gente,  
Nem conheço esses tais.

### CXX

Mas segundo os sinais  
Vós sois do povo cerrado,  
Que dizem estar ajuntado  
Nessas partes Orientais.

### CXXI

Muitos estão desejando  
Serem os povos juntados:  
Outros muitos avisados  
O estão arreceando.

### CXXII

Arreceiam vir no bando  
Esse Gigante Golias  
Mas por ver Enoque, e Elias  
Doutra parte estão folgando.

### CXXIII

Dizei-me, nobre Barão,  
Pergunto, se sois contente  
Dizer me vossa semente  
Se é da casa de Abrahão?

### CXXIV

Que eu sã dessa geração  
Saí do Tribo de Levi,  
Sacerdote como Eli,  
O meu nome é Arão.

### CXXV

Eu quisera lhe responder,  
E tocar lhe em a Lei,  
Senão nisto acordei,  
E tomei grande prazer.

### CXXVI

E depois de acordado  
Fui a ver as Escrituras,  
E achei muitas pinturas  
E o sonho afigurado.

### CXXVII

Em Esdras o vi pintado,  
E também vi Isaías,  
Que nos mostra nestes dias  
Sair o povo cerrado.

### CXXVIII

O qual logo fui buscar  
A Got, Magot, e Ezequiel,  
As Domas de Daniel  
Comecei de as olhar;  
E achei no seu cantar  
Segundo o que representa;  
E assim Gade, como Agar,  
Que tudo se há de acabar  
Dizendo: Cerra os setenta.



## RESPOSTA DO BANDARRA A ALGUMAS PERGUNTAS, QUE LHE FIZERAM, E DA RESPOSTA DELAS SE CONHECEM QUAIS FORAM

### CXXIX

Os tempos que já se vem  
Porque, Senhor, perguntais,  
Mui grande segredo tem,  
Que muitos dizem Amém,  
Mais se calam mais e mais.

### CXXX

O mais está por cumprir,  
O que a minha conta soma:  
Porque de partir a vir  
O texto se há de cumprir  
Primeiro, Senhor, em Roma.

### CXXXI

E nestes trezentos dias,  
Senhor, que agora contamos  
Se contém as Profecias  
De Daniel, e Jeremias,  
Nas quais agora entramos.

### CXXXII

E depois de elas entrarem  
Tudo será já sabido,  
Aqueles que aos seis chegarem,  
Terão quanto desejarem,  
E um só Deus será conhecido.

### CXXXIII

Convosco falo estas coisas,  
Como com um grande letrado,  
As umas são perigosas,  
E as outras duvidosas  
Ainda não hão começado.

### CXXXIV

Antes destas coisas serem  
Desta era que dizemos,  
Mui grandes coisas veremos,  
Quais não viram os que viveram,  
Nem vimos, nem ouviremos.

### CXXXV

Saíra o prisioneiro  
Da nova gente que vem,  
Dessa Tribo de Rubem,  
Filho do Jacob primeiro  
Com tudo o mais que tem.

### CXXXVI

O mocho está assobiando,

Dizendo e chamando bois,  
E com medo de depois,  
Tudo se está arreceando.

### CXXXVII

Os dois bois estão berrando,  
Pelo tirar da barroca,  
Que não entre na sua toca  
O Bufo, que esta bufando.

### CXXXVIII

Acho em as Profecias  
Que a terra tremerá  
E como abóbada soará  
Quando faz harmonias.

### CXXXIX

Dizem, que nos últimos dias,  
Que a estas coisas serão  
A vinte e quatro acharão  
Este dito de Isaías.

### CXL

Vejo os lobos comer  
As ovelhas degoladas,  
As vacas mortas montadas  
E os cordeiros gemer.

### CXLI

Não deve a terra tremer  
Mas fundir se sem tardança,  
Pois os que tem a governança  
Os não querem defender.

### CXLII

Vejo o mundo em perigo,  
Vejo gentes contra gentes;

Já a terra não dá sementes,  
Senão favacas por trigo.

### CXLIII

Já não nenhum amigo,  
Nenhum tem o ventre são,  
Somos já vento soam,  
Que não tem nenhum abrigo.

### CXLIV

Vejo quarenta e um ano  
Pelo correr do cometa,  
Pelo ferir do planeta  
Que demonstra ser grão dano.

### CXLV

Vejo um grande Rei humano  
Alevantar sua bandeira,  
Vejo como por peneira  
A Grifa morrer no cano.

### CXLVI

Vejo o lobo faminto  
Concertado c'os rafeiros:  
Os pastores, e ovelheiros  
São de um consentimento.

### CXLVII

Acho cá no instrumento,  
Que virá um contador  
Tomar conta ao pastor  
E pagará um por cento.

### CXLVIII

Revolvi o meu canhenho  
Sobre este forte barão,  
Não lhe acho nenhum senão;

Dizer dele muito tenho.

### CXLIX

Vejo um alto engenho  
Em uma roda triunfante,  
Vejo subir um Infante  
No alto de todo o lenho.

### CL

Vejo erguer um grão Rei  
Todo bem aventurado,  
E será tão prosperado,  
Que defenderá a grei.

### CLI

Este guardará a Lei  
De todas as heresias,  
Derrubará as fantasias,  
Dos que guardam, o que não sei.

### CLII

Vejo sair um fronteiro  
Do Reino detrás da serra,  
Desejoso de por guerra  
Esforçado cavaleiro.

### CLIII

Este será o primeiro,  
Que porá o seu pendão  
Na cabeça do Dragão,  
Derrubá-lo há por inteiro.

### CLIV

Acho, que depois virá  
Às ovelhas um pastor  
Mui manso, e bom guardador,  
Que o fato reformará.

### CLV

Este pastor lhe dará  
A comer erva mui sã,  
E de suas ovelhas, e lã  
Ao mesmo Deus vestirá.

### CLVI

Todos terão um amor,  
Gentios como pagãos,  
Os Judeus serão cristãos,  
Sem jamais haver erro.

### CLVII

Servirão um só Senhor  
Jesus Cristo, que nomeio,  
Todos crerão, que já veio  
O Ungido Salvador.

### CLVIII

Tudo quanto aqui se diz,  
Olhem bem as Profecias  
De Daniel, e Jeremias,  
Ponderem nas de raiz.

### CLIX

Acharam, que nestes dias  
Serão grandes novidades,  
Novas leis, e variedades,  
Mil contendias, e porfias.



**SEGUNDA PARTE**  
**TROVAS NUNCA IMPRESSAS**  
*(Segundo corpo de trovas do Bandarra)*

Estas Trovas não vêm no antecedente exemplar impresso, mas consta por antiga memória muito autentica serem do mesmo Bandarra. Foram extraídas de uma cópia, que o Cardial Nuno da Cunha deu ao Padre Fr. Francisco de Almeida, Provincial, que foi da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, Provisor do Priorado do Crato, da Casa dos Condes de Avintes e tio do Cardial D. Tomas de Almeida, primeiro Patriarca de Lisboa.

**I**

Levantei-me muito cedo,  
Pus me na minha tripeça,  
E lá de longe começa  
Um bramido, que põem medo.

**II**

Vão todos como forçados,  
Passam serras, e mais montes.  
Secam se rios e fontes,  
Tudo por nossos pecados.

**III**

Furo co'a minha sovela  
Meto seda meto fio:  
Quando far a neve, e frio,  
Não há quem possa sofrê-la.

**IV**

Vejo a terra deserta,  
E paredes levantadas:  
Vou dando quatro pancadas  
Na sola, quando se aperta.

## V

Vejo a guerra na paz,  
E muitos morrer no fosso:  
Foge o cavalo, e o moço  
Depois que o soldado jaz.

## VI

Entre montes muito altos  
Há uma casa sagrada:  
Já não quero ver mais nada,  
E vou batendo os meus saltos.

## VII

Arranha me o gato? sape:  
Olho outra vez da ladeira,  
Deita se o cordão à jeira,  
Não acho por onde escape.

## VIII

Com o trinchete aparo a sola  
Furando com broca a vira:  
Isto é que meu gosto aspira  
Pois vejo o jogo da bola.

## IX

Estão muitos paus armados  
Que lá de longe se vem;  
A quem não parecer bem,  
Perca o ofício, e meta os gados.

## X

Com o cerol encero o linho;  
Puxo com torquês o couro;  
Gasta se todo o tesouro  
Para abrir novo caminho.

## XI

Quando falho aos meus fregueses  
Ficam descalços com mágoa:  
Não são os reais para a água  
Que se botaram nas reses.

## XII

Vejo posta toda a gente  
Trabalhando, sem comer:  
Vejo os mortos a correr,  
E os vivos jazer somente.

## XIII

Trabalha todo o sandeu,  
E também o nobre serve;  
Na certã a carne ferve  
Para Mouro, e Judeu.

## XIV

O pobre morrendo à míngua;  
Outros tem a arca cheia;  
Chove na praça, e na areia,  
Como água de seringa.

## XV

Vou botando o meu remendo  
Enquanto o Senhor se veste,  
Uma terra assas agreste.  
Estou entre serras vendo.

## XVI

Nove letras tem o nome  
Duas são da mesma casta:  
Olhe qualquer como o gasta  
Para não morrer de fome.

## XVII

Na era de dois, e três

Depois e três conta mais  
Haverá coisas fatais,  
Vistas em nenhuma vez.

### **XVIII**

Haverá tantos trabalhos,  
Gritos, surras barrigadas,  
Porem já sinto as pisadas  
Lá para a banda dos malhos.

### **XIX**

O povo suspira, e brama  
Debaixo do seu chapéu;  
Não se enxerga mais que o céu  
Quando a neve se derrama.

### **XX**

Vejo por entre dois cabos  
O couro que vou cosendo;  
Já após outros vou vendo  
Muitos mareantes bravos.

### **XXI**

Já na carreira primeira  
Entra a bandeira Real,  
Ah! Portugal! Portugal!  
Já lá vai tua canseira.

### **XXII**

Dará a serpe tal Brado  
Do ninho que jaz, e tem  
Quando vir que outrem lhe vem  
Tirar da vinha o cajado.

### **XXIII**

Deixa os filhos mui depressa,  
E outrem lhos guarda, e cria;

Vai caminhando sem guia,  
Larga a coroa da cabeça.

#### XXIV

Subo me a o meu eirado,  
Já não sinto matinada,  
Fica a terra sossegada  
O Encoberto declarado.

#### XXV

Abre se a porta do Templo,  
Entra o cordeiro fiel,  
Veste da casa o burel,  
Dá a todos grande exemplo.



### TERCEIRO CORPO DE TROVAS DO BANDARRA

Foram também achadas estas Trovas, que se seguem na Igreja de São Pedro da Vila de Trancoso por ocasião de se desfazer a parede da Capela mor em 6 de agosto do ano de 1729; eram escritas em pergaminho em 1532 por letra do Padre Gabriel João, da dita Vila de Trancoso, e vizinho do mesmo Bandarra. Domingos Furtado de Mendonça, Comissário do Santo Ofício lançou logo mão delas, mas não faltaram pessoas graves e de qualidade, que as trasladaram, e deixaram a seus filhos.

### INTRODUÇÃO

#### I

Em vos que haveis de ser quinto  
Depois de morto o segundo,  
Minhas Profecias fundo  
C'o estas letras, que aqui pinto.

## II

Inda o tronco está por vir,  
Já vos vejo erguido cedro:  
Pouco vai de Pedro a Pedro  
Se a rama o tronco medir.

## III

Fiz Trovas de ferro, e prata  
Dignas de qualquer tesouro,  
Hoje quanto faço é ouro  
Que em vós, Senhor, se remata

## IV

Não conto sapatarias  
Que em outros tempos sonhei,  
O que agora contarei  
São mais altas Profecias.

## V

A giesta não se trouxe,  
Muito amarga o sargaço:  
Tudo quanto agora faço  
São bocados de erva doce.

## VI

Faço Trovas muito inteiras  
Versos mui bem medidos,  
Que hão de vir a ser cumpridos  
Lá nas eras derradeiras.

## VII

Eu componho, mas não ponho  
As letrinhas no papel,  
Que o devoto Gabriel  
Vai riscando, quanto eu sonho.



## SONHO PRIMEIRO

### VIII

Vejo, mas não sei se vejo;  
O certo é, que me cheira,  
Que me vem honrar à Beira  
Um grande do pé do Tejo.

### IX

Formas, cabos, e sovelas  
Lavradinhas com primor  
Mandareis abrir, Senhor,  
Muitos folgarão de vê-las.

### X

Mas ai! que já vejo vir  
O Presbítero maior  
Arriscar todo o primor  
Que outra vez há de surgir.

---

## SONHO SEGUNDO

### XI

Augurai, gentes vindouras  
Que o Rei que daqui há de ir,  
Vos há de tornar a vir  
Passadas trinta tesouras.

### XII

O Pastorzinho na serra  
Grita que tenham cuidado,  
Que se vai perdendo o gado  
Por mais que gritando berra.

### XIII

Desamparar o cortiço  
Uma abelha mestra vejo;  
As outras com muito pejo  
Não tem asas para isso.

### XIV

Irão tempos de lazeiras  
Virão tempos de farturas  
Os frades haverão tristuras  
Por acudirem as freiras.

### XV

Este sonho que sonhei  
É verdade muito certa,  
Que lá da Ilha encoberta  
Vos há de chegar este Rei.

---

## SONHO TERCEIRO

### XVI

Sonhei, que estava sonhando,  
Que passados cem Janeiros  
Os Portugueses primeiros  
Se levantarão em bando.

### XVII

Ergue se a águia Imperial  
Com os seus filhos ao rabo,  
E com as unhas no cabo  
Faz o ninho em Portugal.

### XVIII

Põe um A pernas acima,  
Tira lhe a risca do meio,

E por detrás lha arrima,  
Saberás quem te nomeio.

**XIX**

Tudo tenho na moleira  
O passado, e o futuro,  
E quem for homem maduro  
Há de me dar fé inteira.

**XX**

Vejo sem abrir os olhos  
Tanto ao longe como ao perto;  
Virá do mundo encoberto  
Quem mate da águia os polhos.



**SONHO QUARTO**

**XXI**

Lá para as partes do Norte  
Vejo como por peneira  
Levantar uma poeira  
Que nos ameaça a morte.

**XXII**

Vosso grande Capitão,  
Ó povo errado, e perverso,  
Já caminha com o terço,  
E vós dormindo no chão?

**XXIII**

Na era que eu nomear  
Terá fim a heresia;  
Verás certa a Profecia,  
Se bem souberes contar.

#### XXIV

Põe três tesouras abertas,  
Diante um linhol direito,  
Contaras seis vezes cinco,  
E mais um, vai satisfeito.

#### XXV

Muito rijo bate o vento  
Na parede da Igreja;  
Alguém caída a deseja,  
No levantar vai o tento.

#### XXVI

Mas ai! do calçado a obra  
Logo requer o salário;  
Porem não há muita sobra  
Se não dobra o campanário.

---

### SONHO QUINTO

#### XXVII

Vejo, vejo, dizer vejo  
Andar a terra ao redor;  
E o burburinho com dor  
Revolve um, e outro sexo.

#### XXVIII

Rugia a porca do sino,  
O sino não badalava,  
A grimpa se revirava,  
E o sino andava a pino.

#### XXIX

Meto a sovela nas viras,  
E vejo pelo buraco

Os ossos de Pedro Jacó  
No penedo das mentiras.

**XXX**

Que belamente que soam  
As Profecias direitas!  
Depois que forem perfeitas  
Verão que a terra povoam.

**XXXI**

Doutos, e sandeus conhecem  
Pelo volver das estrelas  
Puras verdades mui belas,  
Que inda os Judeus não merecem.



**SONHO SEXTO**

**XXXII**

Quando o sonho é verdadeiro  
Dá se uma lei muito clara:  
Sonho agora, que uma vara  
Vai dando luz a um outeiro.

**XXXIII**

O outeiro é Portugal,  
E a vara Castelhana;  
Da minha pobre choupana.  
Vejo esta vara Real.

**XXXIV**

Dará fruto em tudo santo,  
Ninguém ousará a negá-lo,  
O choro será regalo  
E será gostoso o pranto.

**XXXV**

Bem cuidado, que já vem perto  
O fim destas Profecias;  
Passarão trezentos dias  
Depois de eu ser descoberto.

**XXXVI**

Em dois sítios me achareis  
Por desdita, ou por ventura,  
Os ossos na sepultura,  
E a alma nestes papéis.

**XXXVII**

Não há pedra sobre pedra,  
Quando eu aqui for achado,  
E as letrinhas do Letrado  
Há trezentos anos queda.



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)